

DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Psicanalista

Assim Caminha a Humanidade

A Terra, tal como a conhecemos hoje, não foi dada gratuitamente aos homens. Ao contrário, desde o primeiro ser vivo que a povoou, até milhares de anos depois, todo um trabalho de construção (e eventuais desconstruções) tem sido feito.

Milhares de anos foram necessários para domesticar o cão que puxa o trenó e para dominar o fogo necessário para cozinhar os alimentos e nos defender do frio. Outros milênios foram necessários para lançar a flecha com um arco, concentrando o máximo empuxo num só ponto e num só momento. Há 10.000 anos, a mulher, pela primeira vez, trabalhou na agricultura e o homem experimentou o pastoreio. Na Mesopotâmia de 5.000 anos atrás, nasceram o eixo da roda, a astronomia, a matemática e a escritura. Esses progressos pareciam tão desconcertantes que Aristóteles, no primeiro livro da metafísica, sentenciou que tudo o que se podia imaginar para tornar mais cômoda a vida cotidiana das pessoas e satisfazer suas necessidades práticas já tinha sido descoberto. Portanto, nada restava senão dedicar-se de corpo e alma à elevação dos espíritos.

Com essa convicção e dotados de uma enorme quantidade de escravos, os gregos e os romanos, durante oito séculos de sua história, não fizeram progressos substanciais na ciência e na tecnologia.

A orientação teocrática que regeu as sociedades durante muitos séculos assegurou uma certa harmonia aos homens, já que a cada um era dado o seu destino e o seu lugar social, desde o nascimento, encarnando assim uma vontade divina.

Quando, na Idade Média, os escravos começaram a rarear, os nossos antepassados se lembraram das oportunidades oferecidas pela tecnologia e desfrutaram rapidamente das inovações. O moinho de água e de vento, o estribo e os arreios dos cavalos, a roca de fiar, a rotação das culturas agrícolas, os óculos, a pólvora, o relógio mecânico, a bússola e a imprensa permitiram substituir a força humana pela inorgânica e anteciparam a grande arrancada do pensamento que levaria ao iluminismo, ao progresso da ciência e à revolução industrial.

Foi no final do século XIV que Francis Bacon, filósofo inglês, prevendo o salto tecnológico que a humanidade estava para efetuar, inverteu o pensamento de Aristóteles e disse que tudo o que se podia fazer pela elevação do espírito já tinha sido feito pelos gregos e pelos romanos: nada restava senão dedicar-se à filosofia das obras, à aplicação do intelecto às coisas concretas, ao progresso da indústria para melhorar, finalmente, a vida prática do dia-a-dia.

A revolução industrial significou o conjunto de inovações tecnológicas que, substituindo a habilidade humana por máquinas e o esforço dos homens e animais por energia inanimada, torna possível a passagem do artesanato à manufatura, dando vida, assim, a uma economia moderna.

A sociedade industrial que daí nasceu utilizou a tecnologia mecânica, a vapor e elétrica, distribuindo progresso capilar em todos os campos do saber teórico e prático, artístico e científico. Entre o fim do século XIX e o início do século XX, a física foi revolucionada por Einstein, a psicanálise foi criada por Freud, a pintura foi transfigurada por Picasso, Schoenberg revolucionou a música, criando a música dodecafônica, Joyce recriou a literatura, Le Corbusier redimensionou a arquitetura.

Enquanto a sociedade rural levou 10.000 anos para gerar de seu seio a sociedade industrial, esta empregou só dois séculos para gerar um terceiro tipo de sistema, a sociedade pós-industrial, nossa contemporânea. Tal sociedade não só tende a aperfeiçoar o acervo de descobertas anteriores da história humana, mas a abrir novos campos. Assim, a biologia molecular, por exemplo, abriu caminho à engenharia genética e à produção farmacológica de moléculas. A informática se desmembrou em telemática, em trabalho por via digital, numa aventura de conquista do tempo e do espaço.

Em quatro décadas foram feitos mais progressos do que nos 40.000 anos precedentes. E diante de uma produção tecnológica tão rica e tumultuada (computadores, fax, laser, satélites, robôs, fibras óticas, novos remédios, máquinas interativas, transplantes de órgãos, clonagens) de novo, como no tempo de Aristóteles, há os que esperam que esse ritmo permaneça uniformemente acelerado, e os que, ao contrário, começaram a sentir que tudo já foi descoberto e só nos resta a missão de difundir as vantagens da nova era e nos dedicar, como no tempo dos gregos e dos romanos, ao progresso intelectual.

Temos assistido a um vertiginoso aumento da população e ainda a um aumento da duração da vida humana individual, o que torna imprevisível o quadro de expectativas para o futuro, trazendo novos desafios ao nosso tempo (como lidar com a velhice e com ócio por exemplo).

Em seu magnífico trabalho “O mal-estar na civilização”, Freud aponta que o sofrimento dos homens se deve, basicamente, a três grandes causas: a fragilidade do corpo humano, as ameaças da natureza e as vicissitudes nos relacionamentos com os outros.

As duas primeiras causas vêm tendo uma grande mudança em nossa época atual. As técnicas de retardar a velhice e a morte, a busca desenfreada da perfeição física transformam o homem num Deus “protético” que pode gerar a própria vida fora do corpo humano. Conquistas como o éter, a cortisona, a penicilina, a aspirina, a morfina, a clorpromazina, a vacina antipólio, a pílula anticoncepcional fazem aumentar a qualidade de vida, com maior lucidez mental, destreza do corpo e capacidade de produção. A natureza, por sua vez, tem sido domada de todas as formas possíveis, propiciando mais ócio e bem-estar ao corpo. A possibilidade das comunicações é infundável, com processadores de quinta e sexta geração, através de sistemas complexos de satélites e de avenidas de fibras óticas.

Mas, apesar de tudo isso, uma simples gripe ainda pode nos abater e os desastres da natureza teimam em acontecer.

A terceira causa de sofrimento mencionado por Freud, as relações entre os humanos, é a mais difícil de ser resolvida, atestando que o progresso nem sempre contribui verticalmente para a felicidade. A civilização, que é uma busca de ordenação desses relacionamentos humanos, ao mesmo tempo gera o mal-estar, ao reprimir as necessidades pulsionais de cada homem, pois, como diz Freud “a liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização”. Ela tem de ser duramente buscada.

As novas conquistas já estocadas na bagagem da humanidade exigirão uma reestruturação nos sistemas políticos, sociais e psicológicos, que ainda funcionam, muitas vezes, com os padrões da sociedade rural. Esse é um dos maiores desafios da contemporaneidade.

A estrutura de nossas personalidades, assim como a de nossas comunidades nacionais e internacionais, no dizer de Domenico de Masi, pensador italiano da atualidade, é expressão de um mundo tecnologicamente primitivo em relação ao atual e espelha o seu atraso. Na história das mentalidades, a cada mudança no tempo corresponde uma mudança também nas subjetividades.

Talvez seja mais fácil inventar o progresso do que administrá-lo, o que exige adequação às leis, à política e à estrutura social.

Entre as grandes forças que atuam na cultura contemporânea e que são agentes de mudança de subjetividades, destacamos três:

- a modificação do laço social em virtude da planetarização das políticas econômicas, em que as exigências do mercado e do lucro atuam como reguladores supremos da vida e do desejo de todos, sem distinguir qualquer faixa etária ou qualquer classe sócio-econômica;

- o avanço das ciências em relação ao saber e ao poder e seu acoplamento aos interesses comerciais, forçando o consumo de seus objetos para satisfazer as necessidades do sujeito;

- a perda dos grandes projetos coletivos, o que determina uma política de esvaziamento dos espaços públicos e privados, com uma conseqüente crise de valores e perda de sentido.

Dentro desses itens, cabem questões como o racismo, o fanatismo religioso dos fundamentalistas, as lutas fratricidas dos cismas nacionalistas, a exploração de minorias étnicas, a exploração de mulheres e crianças, a exploração dos pobres e despossuídos de maneira geral, e tantas outras feridas sociais que marcam nosso século.

Tudo isso é orquestrado por uma globalização cruel e elitizante, que favorece cada vez mais grupos de poder e deixa de atender ou mesmo concorre para a eliminação de comunidades inteiras de excluídos sociais, à margem do consumo de bens. Incapazes de se fazerem valer como sujeitos desejados e desejantes pela mídia e pelo mercado, estão fadados a não participarem das benesses geradas pelo progresso e pelo consumo, que os ignoram impunemente.

Vemos então a irrupção de uma violência sem limites, que é o resultado, segundo Hannah Arendt do declínio do poder como capacidade de agir em comum e de realizar trocas simbólicas. Nossa sociedade privilegia a relação com as coisas, em detrimento da relação com as pessoas.

Quanto mais objetos e implementos alguém possui, mais está ele qualificado no mundo das aparências e do espetáculo que a contemporaneidade vem gerando. As violências exercidas sobre os corpos dos semelhantes (alto número de homicídios, guerras, torturas, prisões) são, na opinião de Contardo Calligaris, psicanalista de nosso tempo, a caricatura da forma de poder pré-moderno (quando havia escravidão e servidão) e o efeito do fechamento das vias de acesso às formas de poder moderno (poder sobre os objetos). Onde não se viabiliza, socialmente, o exercício efetivo de um poder, temos um convite à violência.

No âmbito mais íntimo da família houve também mudanças incalculáveis.

A partir da revolução industrial é que homens e mulheres começaram a trazer dinheiro para casa. O lar não é mais um lugar de produção: não fazemos mais nosso pão, não plantamos os vegetais e frutas que nos alimentam. Ao invés disso, caçamos e buscamos comida nos supermercados. Somos mais nômades, já que migramos do trabalho para a casa, para a escola, para as casas de férias ou sítios, em qualquer oportunidade de um fim de semana ou feriado. As festas e comemorações religiosas não são mais celebradas e sim, substituídas pelo lazer. Os relacionamentos são vários: aos divórcios seguem-se novos casamentos, onde a esperança de uma realização diferente tenta suplantar a experiência vivida anteriormente

(embora nem sempre com êxito). Os filhos da mulher de hoje são poucos e a sexualidade feminina é cada vez mais dissociada da função procriativa. No entanto, já é abertamente tratada, sendo que as mulheres exigem mais orgasmos e não toleram os adultérios e a dupla moral masculina.

A mulher começa a ver que sua sexualidade não acaba com a idade, mas pode até melhorar quando os filhos crescem. A menopausa, antes uma tragédia anunciada, já é vivida sem maiores complicações. Os ideais de vida da mulher têm-se modificado muito em relação aos modelos passados.

Nos países industrializados, hoje se casa cada vez mais tarde e os casamentos são menos duradouros. Os filhos de casais divorciados já representam, muitas vezes, uma terça parte ou quase metade das salas de aula. Ao mesmo tempo, vêm-se também mais nascimentos extraconjugais ou as chamadas “produções independentes”, havendo um forte crescimento de famílias em que as funções de pai e de mãe concentram-se numa só pessoa - geralmente é a mulher, mãe solteira ou divorciada - quem assume a guarda e a manutenção dos filhos. Aos homens, no entanto, tem sido franqueada a tarefa de cuidar dos filhos também, ou exclusivamente, sem qualquer prejuízo da reputação de sua virilidade. A noção de filhos bastardos, desprezados em outras épocas, hoje perdeu muito de sua conotação pejorativa.

Nas sociedades avançadas, vários são os casais que escolhem não ter filhos - os “child-free”, ou casais “dink” - double income, no kids - salário duplo sem filhos. Ou até mesmo casais homossexuais com filhos, biológicos ou adotados e várias outras modalidades de relacionamentos.

Se o filho já não é a finalidade básica do casal, por outro lado, quando existe por opção, ele é mais do que nunca o objeto de um investimento afetivo reforçado. É o filho-indivíduo, e não tanto o herdeiro, o descendente, como nas famílias antigas. É o filho em si, e como são poucos, tendem a ser mais considerados e melhor cuidados.

A família da sociedade do século XIX era nuclear, heterossexual, monógama, patriarcal e tinha muitas missões, sendo a principal formar bons cidadãos e patriotas conscientes dos valores de suas tradições ancestrais. Mas essa família extremamente centrada na figura do homem, onde ele era o chefe, o gerente e à qual dava seu nome, sacrificava muito a mulher e os filhos, que lhe eram rigorosamente subordinados. A esposa era destinada às quatro paredes do lar e os filhos submetiam suas escolhas, tanto profissionais como amorosas, às necessidades familiares.

Hoje, a figura do pai tende a ser minimizada. O declínio da figura paterna se exterioriza nos bebês de proveta e nos bancos de esperma. O pai, como baluarte e chefe supremo, foi abandonado para que cada filho possa ser ele mesmo, escolhendo sua própria filosofia de vida e seu caminho profissional sem dever tantas explicações e compromissos aos familiares e antepassados.

Essa necessidade de libertação é mais premente nos que são ou foram muito dominados: os jovens e as crianças de um lado, e do outro as mulheres. Estas, principalmente, lutam para serem donas de seu corpo, de seu ventre, de seu sexo.

A família moderna tem dificuldade em transmitir seus valores, sejam eles econômicos, sociais, culturais ou simbólicos. Aí se incluem fortuna, profissão, crença, saberes. Na era da informática, os filhos são mais capacitados do que seus pais no uso do computador, dos vídeos e de tudo que se refere à eletrônica, o que faz com que o papel de iniciadores da experiência e do saber dos pais seja questionado, alterando muito o relacionamento familiar, o que dificulta a idealização das figuras parentais.

As mudanças todas da família e especialmente do papel da mulher têm vantagens e desvantagens, como tudo mais. Como preço dessas mudanças, temos um maior número de separações, o que trouxe o aumento da solidão moral e material. Apesar de tudo, poucos querem que se volte para os modelos tradicionais da antiga família. Ainda assim, no nosso mundo há desejo e esperança de que os relacionamentos se firmem.

Até fatores de consolidação de fora para dentro, como a AIDS e a crise econômica fazem com que as pessoas pensem melhor nos seus papéis e compromissos.

Como diz a historiadora Michelle Perrot, a família é formada de nós e de ninho. A parte boa da família e da paternidade é ainda o desejo primordial de muitas pessoas, homens e mulheres. A casa ainda oferece proteção, aconchego, calor humano, constituindo-se no ninho de que fala a autora, e que se contrapõe às asperezas e dificuldades de um mundo lá fora cada vez mais perigoso e individualista.

O que se deveria buscar como possibilidade, e é nosso grande desafio, como indivíduos e profissionais, é a conciliação das vantagens da liberdade pessoal, onde cada um do seu lado - filhos, mãe, pai - possa ser uma pessoa única, valiosa por si mesma, sem ter que pagar com a perda de seus desejos e projetos pelo amor recebido na família. Em outras palavras: temos como meta afrouxar os nós das dificuldades e reforçar o ninho.

Se pudéssemos dizer assim, seriam famílias mais sujeitas ao afeto e ao desejo do que às regras. E os laços positivos teriam que se basear na solidariedade, na fraternidade, na ajuda mútua e no afeto compartilhado.

A humanidade espera com volúpia novas descobertas: substâncias para debelar definitivamente a dor, sistemas para acabar com o lixo radioativo, novas fontes de energia, técnicas adequadas para eliminar o barulho e a fome e reabsorver a poluição. Paralelamente, nunca tivemos tantas ferramentas para eliminar as quatro escravidões: da escassez, da tradição, do autoritarismo e do submetimento físico.

No entanto, em contraponto com todos os valores da arrancada industrial, todos centrados no empirismo, no racionalismo e no consumismo - traduzidos no imaginário da posse, do poder e da riqueza, emergem novos valores voltados mais para a criatividade, a estética, a ética, a confiança, a subjetividade, a feminilização, a afetividade, a desestruturação do tempo e do espaço, a qualidade de vida. Tudo isso exige, por sua vez, um novo tipo de bem-estar, a ser reinventado.

À falência do pai, temos que responder com o incremento dos laços fraternais de solidariedade e tolerância às diferenças. Às fratrias muito cabe fazer na ausência de uma figura de autoridade centralizadora e dominante. Assim caminha a humanidade.

Freud nos fala das lutas imemoriais entre as duas forças constitutivas do homem: as pulsões de vida e construção representadas por Eros, e as pulsões de morte e destruição, representadas por Thanatos. Cabe a nós, trabalhadores da saúde mental, ousar sustentar a posição do ser humano como livre e desejante. Este é o maior desafio atual, do qual não podemos escapular, e que, mais do que nunca, devemos enfrentar.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah - **Sobre a Violência** - *Rio de Janeiro*. Relume Dumará, 1994.

CALLIGARIS, Contardo - **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais, 22 de setembro de 1996.

FREUD, Sigmund - **O Mal-Estar na Civilização**. Volume XXI - Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud. Imago Editora Ltda, 1974.

MASI, Domenico de - **Em busca do Ócio in Reflexões para o futuro**. Editado pela Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, 1995.

PERROT, Michelle - **O Nó e o Ninho in Reflexões para o Futuro** - editado pela Revista Veja. São Paulo, Ed. Abril, 1995.